



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM – FACL LICENCIATURA EM  
LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

DAVID FERREIRA DA SILVA

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS SINAIS DE PONTUAÇÃO DO  
PORTUGUÊS X O PARÂMETRO EXPRESSÃO FACIAL E CORPORAL EM UMA  
FÁBULA TRADUZIDA PARA LIBRAS**

ABAETETUBA-PA  
2022

DAVID FERREIRA DA SILVA

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS SINAIS DE PONTUAÇÃO DO  
PORTUGUÊS X O PARÂMETRO EXPRESSÃO FACIAL E CORPORAL EM UMA  
FÁBULA TRADUZIDA PARA LIBRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, pela Faculdade de Ciências da Linguagem na Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Monteiro Carvalho.

ABAETETUBA-PA  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S586a Silva, David Ferreira da.  
Uma análise comparativa entre os sinais de pontuação do português x o parâmetro expressão facial e corporal em uma fábula traduzida para Libras / David Ferreira da Silva. — 2022.  
38 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Márcia Monteiro Carvalho Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2022.

1. Tradução de Libras-português. 2. Sinais de pontuação.  
3. Expressão Facial e Corporal. 4. Gênero Textual. I. Título.

CDD 418.02

---

# UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS SINAIS DE PONTUAÇÃO DO PORTUGUÊS X O PARÂMETRO EXPRESSÃO FACIAL E CORPORAL EM UMA FÁBULA TRADUZIDA PARA LIBRAS

David Ferreira da Silva (UFPA)<sup>1</sup>

Márcia Monteiro Carvalho (UFPA; PGET/UFSC)<sup>2</sup>

## RESUMO

Nas últimas décadas, as discussões e estudos acadêmicos acerca do ensino e Educação Bilíngue para pessoas surdas têm ganhado cada vez mais espaço nas pesquisas científicas. Contudo, as (os) estudantes surdas (os) ainda têm dificuldade na compreensão e aprendizagem de alguns aspectos do português escrito – considerado como L2 dessa comunidade no Brasil –, como é o caso dos sinais de pontuação do português. Este trabalho tem como objetivo verificar se o uso de gênero fábula traduzido para Libras pode contribuir para o ensino de sinais gráficos de pontuação do português na modalidade escrita de discentes surdas (os) do ensino Fundamental Maior. Para isso, foi necessário: compreender o funcionamento dos sinais de pontuação em português escrito e em Libras, por meio do Parâmetro Expressão Facial e Corporal; identificar as possíveis similaridades e as diferenças de pontuação entre as línguas que são de modalidades diferentes; observar quais sinais de pontuação gráfica do português foram traduzidos para a fábula analisada em Libras; e, por fim, definir as contribuições que o gênero fábula traz ao ensino de português escrito para pessoas surdas. Como aporte teórico nesta pesquisa foram utilizados estudos de Pagura (2003); Santiago e Lacerda (2016); Araújo e Carvalho (2017); Jakobson (1969); Segala; Quadros (2015), entre outros, sobre a tradução interlingual entre Libras e Português. Quadros (1997); Carvalho (2017); Soares (1998); e, Pereira (2009) a respeito da compreensão da proposta de ensino bilíngue para alunas (os) surdas (os). Marcuschi (2008); Bagno (2006); Silva (2017); e, Santos (2016) acerca do gênero textual fábula. Soares (2017) e Bechara (2019) no que concerne aos sinais de pontuação do português. E Brito (1997), no que tange ao Parâmetro de Expressão Facial e Corporal da Libras. É uma pesquisa de cunho qualitativa com análise comparativa entre o funcionamento dos sinais de pontuação no português e sua tradução para Libras, por meio do Parâmetro Expressão Facial e Corporal na fábula da escritora Uendy Feitosa *E quem disse... que não falo?*, escrita em português e traduzida para Libras, registrada em vídeo disponível no *YouTube*. Os estudos apontaram que há relação entre os sinais de pontuação do português e o Parâmetro Expressão Facial e Corporal da Libras; além disso, assinala que o uso de um gênero textual na língua materna das pessoas surdas pode facilitar sua compreensão e aprendizagem do português escrito.

**Palavras-chave:** Gênero Textual. Tradução de Libras-português. Sinais de pontuação. Expressão Facial e Corporal.

---

<sup>1</sup>Graduando do curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará, campus de Abaetetuba.  
E-mail: [david.silva@abaetetuba.ufpa.br](mailto:david.silva@abaetetuba.ufpa.br)

<sup>2</sup>Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PPGET/UFSC) e doutora em Estudos da Tradução. E-mail: [mmcarvalho@ufpa.br](mailto:mmcarvalho@ufpa.br)

**A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN PUNCTUATION SIGNALS IN  
PORTUGUESE VERSUS THE PARAMETER BODY AND FACIAL EXPRESSIONS  
IN A FABLE TRANSLATED TO LIBRAS**

**ABSTRACT**

In the last decades, discussions and academic studies about the bilingual teaching to deaf people has been gaining more and more space in the scientific researches. However, the deaf students still have difficult in the comprehension and learning of some aspects in the written Portuguese – considered as L2 of this community in Brazil – as the case of punctual signs in Portuguese. This work has as aim to verify if the use of the genre Fable translated to Libras may contribute to the teaching of graphic signs of Portuguese punctuation in the written mode of deaf students. For this, it was necessary to: understand the functioning of punctual signs of Portuguese written and the Parameter Facial and Body Expression in Libras; identify possible similarities and differences in punctuation between languages that are of different modalities; to analyze which graphical punctual signs from Portuguese were translated to the fable analyzed in Libras. And finally, to identify the contributions that the fable genre brings to the teaching of Portuguese in the written mode for deaf people. As theoretical contribution on this research, it has used studies of Pagura (2003), Santiago and Lacerda (2016), Araujo and Carvalho (2017); Jakobson (1969); Segala and Quadros (2015), among others, about the interlingual translation between LIBRAS and Portuguese. Quadros (1997); Carvalho (2017), Soares (1998) and Pereira (2009) to the comprehension of the purpose of bilingual teaching to deaf students. Marcuschi (2008); Bagno (2006); Silva (2017); Santos (2016) about the text genre Fable. Soares (2017) and Bechara (2019) about the punctual signs of Portuguese language, and Brito (1997) to the Parameter of Facial and Body expression of LIBRAS. This is a qualitative research with comparative analysis between the operation of punctuation signs in Portuguese and its translation to Libras through the parameter facial and body expression on the fable “And who said that...that I do not speak?” by the writer Uendy Feitosa. This fable which was written in Portuguese and translated to Libras, registered in video available on Youtube. The research showed that there is relation between the punctual signs in Portuguese and the Parameter Facial and Body expressions of Libras, in addition, it has showed that the use of a text genre in mother language of deaf people can facilitate their understanding and learning of written Portuguese.

**Keywords:** Textual Genre. Libras-Portuguese translation. Punctual signs. Facial and Body Expression.

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino do português na modalidade escrita tem ganhado destaque nos últimos anos por ser um desafio para professores de discentes surdas (os), assim como se tem pensado em transformações fundamentais no que diz respeito à educação da comunidade surda. Uma importante mudança foi a aprovação do Decreto Federal nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que estabelece a obrigatoriedade de as escolas disponibilizarem às pessoas surdas uma educação Bilíngue, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais – Libras –, considerada como primeira língua (L1), e a Língua Portuguesa na modalidade escrita, como segunda língua (L2).

Diante dessa perspectiva, professores de português se deparam com diversas dúvidas a respeito de como ensinar alunas (os) surdas (os) de maneira eficaz, visto que é patente a dificuldade de esses discentes compreenderem alguns aspectos por se tratar de uma língua diferente da Libras. O uso de sinais de pontuação, por exemplo, é um aspecto em que é possível observar essa diferença linguística. Quando se trata de compreensão e emprego de sinais de pontuação, percebemos que estudantes, independentemente de serem surdas (os) ou ouvintes, não têm tanta compreensão sobre as funções e uso desse recurso. Segundo Silva (2010), o ensino-aprendizagem desse recurso linguístico não recebe a devida importância enquanto elementos fundamentais para a constituição de sentidos. Se os ouvintes que têm o português como sua língua materna já apresentam dificuldade, acredita-se que será mais grave a situação para discentes surdas (os), que têm o português como segunda língua (L2, doravante).

Diante disso, surgiu a pergunta da pesquisa: Como o uso de fábulas em Libras pode colaborar para aprendizagem dos sinais gráficos de pontuação do Português escrito para discentes surdas e surdos? O objetivo é verificar se a tradução para Libras do gênero fábula contribui com a aprendizagem dos sinais gráficos de pontuação do português escrito para discentes surdas e surdos do ensino Fundamental Maior. Para alcançar esse objetivo, será necessário: compreender o funcionamento dos sinais de pontuação em português escrito e em Libras por meio do Parâmetro Expressão Facial e Corporal; identificar as possíveis similaridades e as diferenças de pontuação entre as línguas que são de modalidades diferentes; analisar quais sinais de pontuação gráfica de português foram traduzidos para a fábula em

Libras; e, por fim, discernir as contribuições que o gênero fábula traz para o ensino de português escrito para pessoas surdas do ensino Fundamental Maior.

O aporte teórico conta com os estudos de Pagura (2003); Santiago e Lacerda (2016); Araújo e Carvalho (2017); Jakobson (1969); Segala e Quadros (2015), entre outros, sobre a tradução interlingual entre Libras e Português. Quadros (1997); Carvalho (2017); Soares (1998); e, Pereira (2009) a respeito da compreensão da proposta de ensino bilíngue para alunas (os) surdas (os). Marcuschi (2008); Bagno (2006); Silva (2017); e, Santos (2016) acerca do gênero textual fábula. Soares (2017) e Bechara (2019), no que concerne aos sinais de pontuação do português. E Brito (1997), no que tange ao Parâmetro Expressão Facial e Corporal da Libras.

Diante da dificuldade de compreensão e do uso adequado dos sinais gráficos de pontuação do português, concentramo-nos especificamente em contribuir com pessoas surdas que têm o português como segunda língua, principalmente por, na maioria das vezes, não encontrar metodologias de ensino adequadas. A presente pesquisa surgiu para buscar compreender caminhos que possam melhorar o ensino desse aspecto da língua escrita para esses discentes. Além disso, levando em consideração que o entendimento de uma língua escrita para pessoas surdas é complicado, tendo em vista o fato de que elas constroem significados a partir de experiências visuais – por sua L1 ser uma língua de modalidade gestual-visual –, há a necessidade de que o ensino de segunda língua para as surdas (os) seja intermediado por sua L1, visando uma interação social bilíngue na qual possa ser utilizada tanto a língua materna desses sujeitos quanto a língua escrita da comunidade majoritária, as (os) ouvintes.

Dessa maneira, adotamos a perspectiva Bilíngue, que será conduzida por meio do uso do gênero textual fábula, em Libras e em português, por intermédio do estudo da obra da autora Uendy Feitosa *E quem disse...que não falo?*, escrita em português e traduzida para a Libras na modalidade sinalizada. A razão da escolha por esse gênero é por possuir características de textos curtos, de narrativa clara e de fácil compreensão (COSTA, 2007). Ademais, é bem lúdico, tornando-o interessante para as alunas surdas e surdos ao terem acesso ao texto tanto em português escrito quanto em Libras.

A pesquisa foi dividida em etapas: Inicialmente, a abordagem do levantamento bibliográfico de acordo com os temas pertinentes a esse trabalho e a seleção das obras

analisadas. Em seguida, a apresentação da obra em estudo *E quem disse... que não falo?* Posteriormente, a seleção de alguns trechos em que há o uso de diferentes tipos de sinais de pontuação do português escrito para comparar com o Parâmetro Expressão Facial e Corporal, presentes na tradução em língua de sinais. Por fim, uma análise comparada da fábula: uma em português escrito e a tradução interlingual para Libras.

O presente trabalho será organizado por seções e contará, primeiramente, com a revisão de literatura; na próxima seção, abordaremos *A tradução interlingual do par Libras-português na educação de surdas (os)*. Na sequência, a seção *Bilinguismo: Libras e o português escrito para aluna (o)s surdas (os)* com as subseções: *O gênero fábula para o ensino de português escrito para pessoas surdas*; e, *Os sinais de pontuação do português x o Parâmetro Expressão Facial e Corporal na Libras*. No segundo momento, teremos a seção *Metodologia da pesquisa*. Em seguida, a seção *Análises e resultados*, com as subseções: *Autora e obra*; e, *Análise comparativa de trechos da obra em português escrito com imagens da tradução em Libras*. Por fim, teremos a seção *Considerações finais* e, logo após, as referências.

## **2 A TRADUÇÃO INTERLINGUAL DO PAR LIBRAS-PORTUGUÊS NA EDUCAÇÃO DE SURDAS (OS)**

Se perguntarmos ao *site* do *Google* o significado de “tradução”, teremos como resposta “versão de uma língua para outra”, visão geral que se tem sobre tal expressão, uma definição genérica que não considera os aspectos mais específicos que norteiam o vocábulo em questão, levando, por vezes, alguns a igualarem o ato de interpretar ao ato de traduzir, como se fossem sinônimos. Contudo, embora sejam áreas que interagem, existem diferenças. Por isso, é importante distinguir essas duas práticas para se ter uma compreensão mais aprofundada do que cada uma representa.

Em termos de semelhança, no que se refere ao propósito em comum entre a tradução e a interpretação, Pagura (2003) discorre que:

O propósito principal tanto da tradução quanto da interpretação é fazer com que uma mensagem expressa em determinado idioma seja transposta para outro, a fim de ser compreendida por uma comunidade que não fale o idioma em que essa mensagem foi originalmente concebida (PAGURA, 2003, p. 223).

Embora esses processos, traduzir e interpretar, se aproximem até certo ponto, há diferenças que definem suas atribuições particulares. Enquanto traduzir denota passar de uma língua para outra o significado ou sentido de um texto que já está pronto, ou seja, uma tradução elaborada, que tem a mensagem final original à disposição para consultar, ponderar e pesquisar, interpretar remete a um trabalho mais espontâneo que acontece quando a mensagem ainda está sendo produzida; uma fala oral ou sinalizada, por exemplo. Santiago e Lacerda (2016) fazem distinção entre traduzir e interpretar, ao versar que:

Sendo assim, distinguimos brevemente os dois termos conforme Davis (2002), tradução como o trabalho que envolve textos escritos, registrados, ao passo que a interpretação é usada para denotar a conversão não ensaiada (ou seja, não escrita) de uma mensagem da língua fonte para a língua alvo, e ainda segundo o autor, tradução/interpretação pode se referir ao processo geral de transferir um significado de uma língua para uma outra língua, independentemente da forma de uma linguagem (escrita, falada ou sinalizada) (SANTIAGO; LACERDA, 2016, p. 168).

Colaborando com essa perspectiva, Araújo e Carvalho (2017, p. 214) afirmam que “No contexto acadêmico a prática tradutória escrita é denominada ‘tradução’, enquanto o termo ‘interpretação’ é utilizado para a referência à prática tradutória oral”. Essas definições se aplicam às línguas de maneira geral, mas aqui especificaremos a tradução entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o português, que se tornam um caso diferente por se tratarem de línguas com modalidades distintas, uma gestual-visual e a outra oral/vocal-auditiva, o que fará com que haja não só uma transformação na mensagem, mas também na modalidade.

Ao realizar uma tradução não se pode simplesmente tentar buscar correspondentes perfeitos entre uma língua e outra. Entre as várias influências que se farão presentes no resultado final de uma tradução está a interpretação que a tradutora ou o tradutor terá a respeito do material linguístico traduzido. Machado (2014), ao falar a respeito da subjetividade presente no trabalho desse profissional, disserta que:

Entende-se que o ato de traduzir não é uma simples transposição do léxico de uma língua à outra; isto é, não traduzimos palavra por palavra, mas faz-se necessária uma tradução de significados [semânticos] e das referências que há entre as culturas. Considera-se que a tradução não é uma atividade puramente técnica e objetiva. Com isso, a subjetividade está implicada na interpretação do tradutor, pois passa a ser naturalmente uma consequência dos processos de interpretação e tradução (MACHADO, 2014, p. 39).

Jakobson (1969, p. 64-65) foi o grande nome que definiu primariamente os três tipos de tradução: a *tradução intralingual*, que acontece quando os “signos verbais são interpretados por outros signos da mesma língua”; a *tradução interlingual*, que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua”; e, a *tradução*

*inter-semiótica*, que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais”. Segala (2010), um pesquisador e artista surdo, muito conhecido na comunidade surda, propõe ainda uma outra classificação de tradução para o par Libras-português, a tradução intermodal, que se trata de diferentes modalidades de língua, como já mencionado (SEGALA, 2010, p. 28). Em sua dissertação, *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*, em 2010, afirma que a tradução do português para Libras se caracteriza também como tradução intermodal.

A tradução entre línguas de diferentes modalidades, como Língua Portuguesa para Língua Brasileira de Sinais, Língua Inglesa para Língua Americana de Sinais – ASL, entre outras, pode ser considerada uma Tradução Intermodal. [...] Esse termo é uma expressão que pode definir esse tipo de tradução relacionando uma língua oral-auditiva a uma língua cinésico/visual ou visual/espacial (SEGALA, 2010, p. 28).

Entretanto, segundo o autor, esse termo não é reconhecido nas pesquisas da comunidade surda por ainda ser recente. Além disso, Segala (2010, p. 28) assevera que “A tradução de Língua Portuguesa escrita, como língua-fonte, para a Língua Brasileira de Sinais, como língua-alvo, não pode considerar apenas a tradução intermodal”, isso porque esse trabalho utiliza a imagem. Portanto, para Quadros e Segala (2015), é interessante pontuar que a tradução do português para Libras é interlingual, intermodal e intersemiótica também. E ainda discorrem que:

É pelos sentidos que os homens se comunicam entre si. Considerando isso, podemos vislumbrar as sobreposições entre a tradução intersemiótica e as traduções interlingual e intermodal. As línguas também envolvem os sentidos humanos com o propósito de comunicar. O fato das línguas de sinais usarem modalidade visual-espacial, com sentidos da visão e sinestésicos envolvidos, assim como as línguas faladas, serem orais-auditivas, envolvendo os sentidos da audição e, de certa forma, também sinestésicos, configura-se também formas de traduções intersemióticas nas duas línguas que se manifestam em duas modalidades (inter-lingual-modal) (QUADROS; SEGALA, 2015, p. 366).

Dessa maneira, temos que a tradução entre o par Libras-português, por envolver múltiplas características, abrange aspectos presentes em várias tipologias (ou classificações) de tradução. Todavia, deixando um pouco de lado a certa complexidade em classificar o tipo de tradução envolvida entre a Libras e o português, é fato que a tradução tem um papel crucial na vida das pessoas. A esse respeito, Carvalho (2020) versa que:

Por meio da história, as traduções foram ganhando espaços, e tanto as escritas quanto as orais têm tido um papel indispensável na comunicação entre os seres humanos. É através dela que temos acesso a importantes textos, de diferentes

conhecimentos, áreas, línguas e inclusive com propósitos acadêmicos (CARVALHO, 2020, p. 31).

A tradução é fundamental na educação de pessoas surdas. Segundo Segala (2010, p. 25), “No mundo/na cultura dos surdos, a tradução também ocupa um lugar central, pois é a forma de estar comunicando com os ouvintes e também entre os próprios surdos”. Entendemos a tradução, nesse primeiro momento, não como um processo, mas como uma atividade que abrange também a interpretação, que parte de um significado presente em um texto (oral/vocal/ sinalizado ou escrito), ou seja, uma língua (o texto fonte) e a produção de um novo texto (oral/vocal/sinalizado ou escrito) em outra língua (o texto alvo). É por meio da tradução que as surdas e os surdos têm acesso à educação. Rodrigues e Beer (2015, p. 32) afirmam, acerca da formação de profissionais da área de tradução e interpretação de línguas de sinais, que durante algumas décadas os tradutores e intérpretes se apoiaram, em um primeiro momento, nas instituições religiosas e educacionais, onde havia surdas e surdos e, posteriormente, passaram a ingressar nos espaços acadêmicos superiores.

Com o passar dos anos, a interpretação e, por sua vez, a tradução de línguas de sinais foram aos poucos entrando para o contexto universitário como exigência de acessibilidade aos alunos surdos e, portanto, como (i) campo de atuação profissional; (ii) como curso de graduação e, por sua vez, como conteúdo de ensino; (iii) como temática de pesquisa e, também, (iv) como possibilidade de extensão (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 32).

A tradução tem ganhado cada vez mais espaço na educação de surdas e surdos no Brasil. Entre os anos de 2007 a 2009, por exemplo, foi realizado um projeto para a criação de um livro didático bilíngue no formato digital, uma parceria entre Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Secretaria de Educação Especial (SEESP) que resultou nos 20 volumes da Coleção Pitangua, livros voltados para as disciplinas básicas dos quatro anos do Ensino Fundamental. Essa coleção é disponibilizada às escolas públicas que contenham alunas (os) surdas (os) (ALBRES; SANTIAGO, 2012, p. 171).

A educação de pessoas surdas não só no ensino superior, mas, desde a Educação Básica, deve ter como base o acesso à Libras. A respeito disso, Lacerda, Albres e Drago (2013, p. 67) dizem que “Qualquer ação pedagógica precisa considerar sua condição linguística e oferecer a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como forma de acesso”. Para tornar isso possível, as comunidades de pessoas surdas, com o respaldo de pesquisadores da área da linguagem de pessoas surdas, começaram a voltar seus olhares e discussões para a

importância da perspectiva bilíngue como modelo de educação para surdas e surdos (LACERDA; ALBRES; DRAGO, 2013).

Nesta pesquisa, discutiremos o uso de uma tradução interlingual de uma fábula em português para a Libras, a fim de auxiliar o ensino dos sinais de pontuação para discentes surdas (os), utilizando a perspectiva bilíngue de ensino, para que adquiram o português escrito como L2 de forma mais dinâmica. No capítulo seguinte, abordaremos acerca da proposta Bilíngue de ensino para pessoas surdas.

### **3 BILINGUISMO: LIBRAS E O PORTUGUÊS ESCRITO PARA ALUNA (O) S SURDAS (OS)**

A proposta bilíngue, de acordo com Quadros (1997, p. 27), “[...] é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar”, o que contribui bastante para o desenvolvimento das (os) alunas (os) surdas (os). No caso de pessoas surdas brasileiras que reconhecem a Libras como sua primeira língua (L1), será uma mediadora para aprender o português na modalidade escrita, a qual será a sua segunda língua (L2). Carvalho (2017) afirma que há escolas que atuam com a sugestão bilíngue, mas que não realizam esse trabalho de fato, pois o ideal seria ver as crianças surdas utilizando a língua de sinais e a língua portuguesa no ambiente escolar de maneira confortável, entre as pessoas que compõem a escola: colegas, professores, intérpretes para intermediar a comunicação com a professora ou o professor durante as aulas, contudo, isso não acontece. Então, pensa-se que na escola o que ainda há, infelizmente, é um bilinguismo incipiente. Kubaski e Moraes (2009, p. 2) falam da importância da Educação Bilíngue para pessoas surdas:

A aquisição da língua de sinais vai permitir à criança surda acessar os conceitos da sua comunidade, e passar a utilizá-los como seus, formando uma maneira de pensar, de agir e de ver o mundo. Já a língua portuguesa possibilitará o fortalecimento das estruturas linguísticas, permitindo acesso maior à comunicação.

Independentemente de estar em uma escola regular comum ou em uma escola inclusiva, a aluna surda ou o aluno surdo tem direito por lei a uma metodologia que atenda suas especificidades, respeitando suas vivências e oferecendo diversas atividades que tragam ludicidade para sua aprendizagem. Dessa forma, cabe à equipe docente buscar estímulos visuais e imagéticos para que esses estudantes possam se apropriar dos diversos conceitos.

Segundo Carvalho (2017), é preciso que a escola reconheça que há diferentes pessoas bilíngues para que possa tornar esse ensino mais proveitoso, pois:

Há diferentes abordagens bilíngues, como há também diferentes graus de bilinguismo e diferentes formas de ser bilíngue. Nas escolas inclusivas chegam alunos surdos que aprenderam primeiro a língua de sinais e depois a língua portuguesa escrita; também há aqueles que aprenderam a língua de sinais e a língua portuguesa escrita simultaneamente e, finalmente, aqueles que aprenderam a língua portuguesa escrita e somente depois a língua de sinais. Por isso é importante conhecer a condição linguística do aluno surdo para não fazer uso de metodologias inadequadas e para que se possa desenvolver um trabalho diferenciado entre eles. (CARVALHO, 2017, p. 16).

A autora concorda com Lerner (2002), ao postular a respeito do grande desafio que a escola enfrenta, que é conseguir que todas ou todos os discentes, principalmente as pessoas surdas, cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores justamente por apresentar níveis de aquisição de línguas tão distintas. Kubaski e Moraes (2009) consideram que o bilinguismo permite, se houver certa relação entre adultos e crianças, a construção de uma autoimagem positiva como sujeito surdo na sociedade, ao mesmo tempo que consente que se integre em uma comunidade ouvinte.

As autoras (2009, p. 3415) ainda sustentam que a proposta bilíngue “possibilita ao leitor surdo fazer uso das duas línguas, escolhendo a qual irá utilizar em cada situação linguística.” Para elas, “As línguas de sinais são um tipo de sistema linguístico usado para a comunicação entre pessoas surdas” (KUBASKI; MORAES, 2009, p. 3416). São adquiridas como língua materna por essas pessoas, além de serem usadas como uma forma de comunicação entre ouvintes e pessoas surdas. São consideradas naturais das comunidades surdas, não são apenas mímicas ou gestos aleatórios, são idiomas com suas estruturas gramaticais inerentes. Ademais, cada país possui uma língua de sinais específica, que carrega registros próprios de cada cultura e que têm marcas de influências regionalistas. Segundo Honora (2011, p. 6):

A Libras não é um recurso como o braille, e sim uma língua que possui a sua própria estrutura gramatical. Os sinais são formados por meio de combinações de formas e movimento das mãos e dos pontos de referência no corpo ou no espaço para a produção de enunciados que serão visualizados por outras pessoas.

A Libras, assim como as demais línguas de sinais, utiliza-se de expressões faciais e corporais que são fundamentais para a compreensão de seus interlocutores. Por ser uma língua visual-espacial, é realizada por meio da visão e utilização do espaço (LACERDA; ALBRES;

DRAGO, 2013). Partindo do ponto em que a Libras já foi adquirida pela pessoa surda, considera-se também que ela terá um papel imprescindível na aquisição da leitura e da escrita, porque possibilitará a constituição de conhecimento de mundo. Acerca da aprendizagem da leitura por pessoas surdas, Hoffmeister e Bahan (1996 apud PEREIRA, 2009, p. 26) defendem que:

[...] para ler além do nível de decodificação, os alunos surdos devem contar, como os ouvintes, com um conjunto de conhecimentos que envolve tanto a língua na qual o texto é apresentado, como também conhecimento de mundo. Tal conhecimento ajuda os alunos a criarem expectativas e hipóteses sobre os significados dos textos, a abstraírem significado de passagens de textos e não apenas de vocábulos isolados. Permite, ainda, lembrar o que leram, um processo que é ajudado pela integração de informação nova àquilo que já sabem.

Dessa forma, as pessoas surdas inseridas na escola poderão significar suas leituras ao invés de simplesmente tentar decodificar a escrita. Pereira (2009) considera que a maior contribuição que a Libras oferece para que alunas (os) surdas (os) adquiram a escrita é o conhecimento de mundo possibilitado pela língua materna, visto que surdas (os), como qualquer criança, precisam desse conhecimento como ponto de partida para criar e recriar sentido. Compartilha-se do mesmo pensamento da autora no que diz respeito às crianças surdas necessitarem de estímulos para se apropriar da leitura e da escrita, para isso precisa ter contato com o mundo escrito a partir de diferentes gêneros textuais, principalmente nas séries iniciais. A exposição à literatura surda como a contação de histórias em Libras, por exemplo, pode estimular a criação por parte da criança surda.

Para que aprendam o português na modalidade escrita, as pessoas surdas necessitam estar em contato constante com uma variedade de textos, uma relação que deve ser mediada pela Libras, o que possibilitará que esses aprendizes entendam o texto escrito (PIMENTA, 2015). Dessa maneira, discentes surdas e surdos poderão aprender o português na modalidade escrita de acordo com os significados que essa língua vier a ter para elas e eles. Além disso, é importante que se desenvolva a linguagem com base na interação, mantendo um intercâmbio, como aponta Silva, ao discorrer que:

[...] a linguagem se constitui na interação com os outros sujeitos e que, para tanto, não basta ensiná-la ao surdo, é necessário inseri-lo em um diálogo, para que, por meio do processo de interação/interlocução, se possa chegar à construção de significados. (SILVA 2008 apud PIMENTA, 2015, p. 100).

Para fomentar a interação, é importante que se explore diferentes gêneros textuais, que são formas reais de interação e ação social, como considera Marcuschi (2008, p. 84). A escola precisa alfabetizar e letrar seus discentes, é indispensável trabalhar com esses dois processos que, embora se complementem, são distintos. Para conseguir tornar seus discentes excelentes leitores e escritores, como afirma Soares (1998), é necessário utilizar instrumentos nas práticas sociais para alfabetizar e letrar.

A autora faz a distinção entre esses processos: *Alfabetizar* significa orientar a criança para o domínio do código escrito, e *Letrar* significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita. No contexto de educação e letramento de pessoas surdas, o ensino com gêneros textuais tem muita relevância, que se deve ao fato de que, ao se conhecer e se apropriar da existência de diversos cenários de produção, esses estudantes podem se adequar ao contexto quando desempenharem o papel de escritores. Para Carvalho (2017), a criança surda também precisa ter a oportunidade de se educar e se letrar, ou seja:

É preciso educar e letrar o surdo em LIBRAS, para que ele adquira habilidade com o português escrito e possa ir além da decodificação. Para o surdo, o letramento em segunda língua tem o papel fundamental de permitir-lhe o acesso às informações escritas em português e de auxiliá-lo no cotidiano, no momento em que for ao banco, em que sentir necessidade de preencher um requerimento, diante de situações em que não puder se comunicar em língua de sinais, nesse instante faria uso da língua portuguesa escrita (CARVALHO, 2017, p. 18).

Quanto aos gêneros mais adequados para discentes surdas ou surdos, é importante que sejam selecionados os que fazem mais sentido e sejam mais compreensíveis. Menezes (2007) diz que textos escritos associados a imagens ou textos digitais, que tenham movimento, são os mais interessantes, devido às características multimodais que apresentam, auxiliando a construção de sentidos.

Este artigo se propõe a compreender como o ensino dos sinais de pontuação do português escrito poderá auxiliar a criança surda a se apropriar da escrita e da leitura utilizando o gênero fábula em português escrito e sua tradução para a Libras. A escolha por esse gênero ocorreu por concordar com Pimenta (2015), ao afirmar que:

[...] este gênero [fábula narrada em Libras] se constitui a partir de textos narrativos curtos, passíveis de estabelecer relações, pois faz uso da onomatopeia, personificando animais, e assim, permitindo a representação teatral, o que poderá facilitar a construção de sentido para o texto e a interação entre os sujeitos envolvidos (PIMENTA, 2015, p. 95).

Quando se pensa na proposta Bilíngue para criança surda, precisa-se compreender que ela deve ser exposta à língua de sinais e materiais visuais, principalmente em sua língua materna, para que possa se apropriar de quantas línguas quiser. Logo, entende-se que a Libras será sua língua de instrução e deve estar obrigatoriamente presente em todos os espaços da escola, e não somente no contato com a ou o docente das séries iniciais ou com profissionais intérpretes nas séries finais. Grosjean (1994, apud TUSSI; XIMENEZ, 2010, p. 2) conceitua o bilinguismo tendo como base a ideia de uso das línguas, considerando, portanto, bilíngues os sujeitos que utilizam duas ou mais línguas ou dialetos no seu dia a dia. Para o autor, “essa categorização inclui desde o imigrante que fala com um grau de dificuldade a língua do país que o acolheu até o intérprete profissional que é totalmente fluente nas duas línguas” (TUSSI; XIMENEZ, 2010, p.2).

Segundo Kuntze, “[...] os surdos não devem buscar ser como os ouvintes, mas, sim, aceitar e assumir sua surdez”. Isso vai de encontro a um campo social mais profundo ao qual a autora completa afirmando que “o conceito mais importante para eles é o da valorização da comunidade surda, tanto da sua cultura, quanto da língua própria” (KUNTZE, 2014, p. 32). Percebe-se que muita coisa evoluiu quanto às metodologias de ensino de português escrito para pessoas surdas que têm a Libras como língua de instrução. Essa inserção da língua de sinais no ensino possibilitou uma ampliação da disponibilização de conhecimentos de um modo geral. Contudo, embora tenham tido impactos positivos, há várias dificuldades ao ensinar alunas (os) surdas (os) a desenvolver a escrita do português, como, por exemplo, o uso correto de sinais gráficos de pontuação pelo fato de sua língua materna, a Libras, ser de modalidade gestual-visual, e possuir outros marcadores chamados parâmetros de expressão facial e corporal, enquanto que o português é vocal/oral-auditivo.

Outra diferença que há entre essas línguas está, por exemplo, nos sinais gráficos que em português ocorrem por meio do uso do ponto (.); da vírgula (,); do ponto e vírgula (;); os dois pontos (:); o ponto de exclamação (!); o ponto de interrogação (?); as reticências (...); as aspas (“”); os parênteses ( ( ) ); e, o travessão (—), que contribuem para a coerência e a coesão de textos, bem como têm a função de desempenhar questões de ordem estilística, que apresentam a mesma função nas línguas de sinais, mas que se manifestam por meio dos parâmetros expressão facial e corporal, também nomeados de componentes não manuais, que incluem o uso de expressões faciais, linguagem corporal, movimentos da cabeça, olhares,

entre outros. Normalmente, a expressão facial e corporal se naturaliza com a prática, e quanto mais contato o sujeito tiver com a comunidade surda, mais torna-se fluente em Libras. Ao conversar com pessoas surdas, é interessante observar quais componentes não manuais elas utilizam.

Provavelmente, o fato de a escola não se atentar a essas diferenças linguísticas gera muitas dificuldades e se justificam pela ausência da aplicação de uma metodologia voltada especialmente para discentes surdas e surdos, que diferentemente de ouvintes, não têm contato com o português na modalidade oral. Apesar desses desafios, ainda se concebe que o ensino bilíngue proporciona às pessoas surdas mais oportunidades de comunicação em uma sociedade majoritariamente ouvinte, por isso é papel da escola e da família propiciar esse acesso o mais cedo possível.

No tópico seguinte, será apresentada a discussão acerca da importância de se trabalhar com o gênero fábula, destacando o uso de sinais de pontuação para o ensino de português escrito para pessoas surdas.

### **3.1 O gênero fábula para o ensino de português escrito para pessoas surdas**

Atualmente, têm-se dado a devida importância para o ensino de português não ser simplesmente feito de maneira mecânica, descontextualizando a língua do seu uso real. De acordo com Antunes (2003), a prática de ensino de português infelizmente é direcionada para uma escrita sem função, sem estabelecer uma relação entre mundo e linguagem. Em vista disso, a introdução do uso de textos para o ensino da língua escrita tem ganhado muito espaço, com manifestações reais de comunicação linguística. Marcuschi (2008), ao discutir sobre a importância do texto no ensino de língua, o define como:

[...] um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re) construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo (MARCUSCHI, 2008, p. 72).

De acordo com essa visão de que os gêneros textuais são uma entidade de comunicação, podemos afirmar que o ensino da língua por meio de gêneros textuais proporciona à (ao) estudante uma aprendizagem contextualizada de língua, visto que são manifestações sociais da língua que cumprem determinados papéis linguísticos reais.

Schneuwly e Dolz (2004) reconhecem a importância dos gêneros para o ensino e aprendizagem de língua, ao versar que:

A aprendizagem da língua se dá, precisamente, no espaço situado entre as práticas e as atividades de linguagem. Nesse lugar, produzem-se as transformações sucessivas da atividade do aprendiz que conduzem à construção das práticas de linguagem. Os gêneros textuais, por seu caráter genérico, são um termo de referência intermediário para a aprendizagem (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 75 apud SANTOS, 2016, p. 30).

Contudo, a seleção do gênero adequado é muito importante para que cause interesse no público alvo, levando em consideração especificidades locais como faixa etária, série, cultura etc. Para Bagno (2006, p. 52), o gênero textual fábula tem sido utilizado em muitos trabalhos pedagógicos, visto que pode ser “[...] um importante aliado, tanto para o trabalho pedagógico com a língua oral, a leitura e a língua escrita, quanto para um trabalho numa perspectiva sociológica e antropológica”. É um gênero bem lúdico que desperta a imaginação discente. O autor descreve a fábula como “[...] uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude, e termina, invariavelmente, com uma lição de moral” (BAGNO, 2006, p. 51). Além disso, segundo o autor, um outro aspecto muito atraente presente nas fábulas é seu potencial como narrativa gráfica, por envolver animais com comportamentos humanos.

A grande maioria das fábulas tem como personagens animais ou criaturas imaginárias (criaturas fabulosas), que representam, de forma alegórica, os traços de caráter (negativos e positivos) dos seres humanos. Os gregos chamavam a fábula de apólogo, e esta palavra também costuma ser usada para designar uma pequena narrativa que encerra uma lição de moral (BAGNO, 2006, p.51).

A fábula é usada, portanto, para transmitir, por meio de alegoria com animais, conhecimentos antropológicos a respeito dos seres humanos e da sociedade na qual estão inseridos; traços culturais, comportamentais e modo de pensar. Esses aspectos são abordados com o intuito de ensinar uma lição positiva que demonstra que determinadas condutas consideradas negativas devem ser evitadas, ou, ainda, que atitudes consideradas adequadas trazem resultados positivos. Silva (2017), ao falar sobre o gênero fábula, destaca algumas características próprias desse estilo.

Para alcançar o seu objetivo social e ideológico (transmitir o ensinamento, defender-se dos mais fortes, criticar a sociedade em que vive) a fábula possui uma forma composicional bastante específica. Comumente possui uma narrativa densa e curta (podendo variar a depender da intenção discursiva daquele que enuncia), como o foco deve ser o ensinamento ou a crítica, o estilo da narrativa deve ser criada e pensada em sua função; por este motivo, a fábula dispensa muitos detalhes ou grandes quantidades de personagens. A narrativa deve partir de um único ponto de

desequilíbrio/conflito, que deve ser desenvolvido sem muitas delongas, para que o foco do ouvinte se mantenha na moral (SILVA, 2017, p. 67-68).

Outro aspecto muito particular das fábulas é o tipo de personagens presentes na narrativa, os animais. Para Silva (2017), há um objetivo bem definido ao escolhê-los para protagonizar essas histórias, que é o fato de que “[...] na sabedoria popular o comportamento de muitos animais já se encontra estipulado, ainda que não sejam verídicos e, a partir dessa premissa, o autor da fábula é capaz de poupar detalhes de descrição dos personagens [...]”, dessa maneira a leitora ou o leitor já irá inferir as características de cada animal (SILVA, 2017, p. 68). Esse conhecimento prévio será importante para que as (os) alunas (os) tenham uma melhor compreensão da história e da lição em questão, haja vista que poderão relacionar observações comuns do dia a dia com a leitura da obra, o que resultará em um quadro mental mais consistente.

Concordamos com Bagno (2006) a respeito da fábula poder ter múltiplas aplicações nas aulas de língua portuguesa, oportunizando às (aos) discentes a aprendizagem e desenvolvimento da leitura, produção textual escrita e criticidade, pois, independentemente de serem surdas (os) ou ouvintes, a fábula faz parte do imaginário infantil. Então, considera-se que é um ótimo recurso didático para fomentar o estudo do português escrito, focalizando o ensino e a aprendizagem dos sinais de pontuação a partir de uma tradução para a Libras. Ao trabalhar com as fábulas, o professor “[...] dispõe de um material bastante rico, não somente do ponto de vista da exploração de competência de leitura e escrita, mas também no que diz respeito à promoção da discussão sobre ética e moral” (SANTOS, 2016, p. 34).

Em sua dissertação, Santos (2016) selecionou o gênero fábula para trabalhar com discentes do 6º ano do Ensino Fundamental menor, assegurando que para essa faixa etária é bem atrativo “[...] devido ao seu caráter lúdico e fantasioso, com uma linguagem simples e de fácil compreensão, o que proporciona um interesse maior, por parte dos alunos, em se envolver em atividades de ensino que explorem suas habilidades de escrita” (SANTOS, 2016, p. 10). Essas particularidades permitem discutir, neste trabalho, qual a importância de seu uso como recurso didático para o ensino do português escrito, por meio de uma tradução interlingual para a Libras, para estudantes surdas ou surdos.

Entendemos que o fato de as pessoas surdas terem como sua parte inerente a cultura visual, o uso de fábulas em Libras ajudará no aprendizado do português escrito. A utilização

de uma metodologia que privilegie o visual atende à própria cultura dessa comunidade, agregando um valor social bem maior do que apenas a utilização do gênero fábula em português escrito, além de ajudar na compreensão e aprendizagem das duas línguas. A esse respeito, Silva corrobora que:

O estudo de Libras auxilia o ensino de língua portuguesa, pois através deste o professor poderá entender e produzir didáticas que contemplem o mundo dos surdos através dos gêneros textuais dos próprios surdos. Conseguindo, deste modo, analisar as diferenças e semelhanças das culturas surda e ouvinte, nas quais o surdo, além de um conhecimento da língua portuguesa, também poderá compreender a própria língua de sinais e cultura surda, que não tem acesso nas escolas, já que as escolas inclusivas priorizam, em grande maioria, um acesso à cultura dos ouvintes e não dos surdos (SILVA, 2012, p. 7).

Vale ressaltar que há um aspecto problemático no ensino e aprendizagem do português como L2 para estudantes surdos (os), que é o fato de serem inseridos em um ambiente escolar que não prioriza o uso da sua língua materna. Essa negligência torna mais difícil para a pessoa surda significar cognitivamente a língua de modalidade oral/vocal-auditiva, o português. De acordo com Pimenta (2015):

[...] percebe-se que é uma tarefa difícil para o aluno surdo, que constrói significados a partir de experiências cognitivas visuais em seus aspectos linguísticos, sendo a escrita da L2 constituída de acordo com esses conhecimentos vivenciados por tais experiências visuais. Assim, para que a constituição da L2 se estabeleça em uma interação social, é necessário que o sujeito surdo tenha embasamento desta para que seja compreendido em suas relações interacionistas, quer escolares, quer em ambientes outros, muito embora isso só aconteça a partir de seus conhecimentos prévios, adquiridos nas experiências sociais (PIMENTA, 2015, p. 94-95).

Dessa forma, acredita-se que o uso de tradução interlingual de fábulas para a Libras auxilia na compreensão da utilização de sinais de pontuação do português, tornando-se um importantíssimo recurso didático que pode possibilitar um melhor entendimento das regras da gramática, uma vez que para que discentes surdas ou surdos adquiram uma L2 necessitam refletir a partir de sua língua materna. Pereira (2009) concorda que essa é a contribuição mais importante da Libras para a aquisição da escrita por pessoas com surdez, pelo fato de compreender que “[...] é por meio dela que os alunos surdos poderão atribuir sentido ao que leem, deixando de ser meros decodificadores da escrita, e é pela comparação da língua de sinais com o português que irão constituindo o seu conhecimento do português” (PEREIRA, 2009, p. 49).

Na próxima seção, iremos explorar acerca do funcionamento dos sinais de pontuação do português e a função do Parâmetro Expressões Facial e Corporal utilizadas na Libras,

relacionando seus aspectos comparáveis levando em conta as especificidades de cada modalidade de língua.

### **3.2 Os sinais de pontuação do português x o Parâmetro Expressão Facial e Corporal na Libras**

Os sinais de pontuação são indispensáveis para uma boa compreensão da escrita do português. É um recurso que auxilia a ligação entre elementos das frases e dos textos, tão importantes que o uso equivocado de um sinal de pontuação pode mudar totalmente a mensagem ou o sentido pretendido. No entanto, esse entendimento e uso dos sinais de pontuação são um tanto recentes, visto que a história da pontuação mostra que na antiguidade a escrita era apenas vista como reprodução da fala (SOARES, 2017). Hoje, a importância dos sinais de pontuação é reconhecida por seus papéis como elementos imprescindíveis de coesão textual, proporcionando uma boa assimilação para usuários da língua. Nessa discussão, Soares profere que:

[...] atualmente, essas marcas de pontuação são estudadas como elementos coesivos, como recursos necessários à construção da textualidade, ou seja, os sinais de pontuação podem ser considerados importantes elementos para coesão dos textos, o que é de extrema importância para desenvolver, nos usuários da língua, a habilidade de interpretar e produzir textos (SOARES, 2017, p. 12).

De acordo com a autora, a pontuação é considerada como um recurso da fala por vários autores, por isso que há o uso de exclamação ou interrogação na escrita, por exemplo, como forma de marcar a entonação da fala. Em sua pesquisa sobre o uso de pontuação em textos narrativos, Soares (2017, p. 24-25) comenta que:

Vimos, nas gramáticas pesquisadas, que as marcas de pontuação são recursos da linguagem escrita que servem para estruturar os textos e que, basicamente, têm o objetivo de transpor para a escrita as pausas e as inflexões de voz provenientes da linguagem falada, de separar orações que devem vir destacadas, ou de evitar ambiguidade, esclarecendo o sentido da frase.

Seguindo essa perspectiva, as pontuações vão funcionar de acordo com a estrutura de cada texto. Ou seja, dependendo do gênero textual em questão, vai haver um certo uso/recorrência de um determinado conjunto de pontuação. Acerca do assunto, Silva (2004) afirma, ainda:

Desse modo, é necessário assumir que os sinais de pontuação estão em estreita conexão com os gêneros textuais. Nesse sentido, cada gênero de texto tem uma pontuação característica, o que requer do escritor versatilidade no modo de pontuar, conforme destacaram Rocha (1998) e Leal & Guimarães (2002). Como sabemos,

não se pontua do mesmo modo uma receita culinária e uma história em quadrinhos, por exemplo (SILVA, 2007, p. 2)

Tendo em vista essa conexão entre os gêneros textuais e os sinais de pontuação, vamos elencar a função de alguns sinais que são mais recorrentes no gênero textual fábula. Para conceituar a função de cada ponto, iremos nos basear em Bechara (2019), no Quadro 1:

**Quadro 1:** Sinais gráficos de pontuação do português

<b>Símbolo</b>	<b>Nome</b>	<b>Função</b>
.	Ponto simples final	Serve para marcar maior pausa e encerrar períodos.
?	Ponto de interrogação	Usa-se no final de orações com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida.
!	Ponto de exclamação	Usa-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa.
,	Vírgula	Serve para separar vários tipos de vocábulos em uma oração, como termos ordenados, pleonasmos e repetições, vocativos etc.
:	Dois pontos	Serve para enumerar e explicar; também é usado nas expressões que se seguem aos verbos <i>dizer</i> , <i>retrucar</i> , <i>responder</i> e semelhantes.
—	Travessão	Pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada.
“ ”	Aspas	Usadas para certa expressão no sentido particular, para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria.
...	Reticências	Utilizadas para indicar interrupção ou incompletude do pensamento; para mostrar fatos que ocorrem com um intervalo de tempo.
*	Asterisco	Colocado depois ou em cima de uma palavra do trecho; serve para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho.

Fonte: com base em Bechara (2019)

Segundo Brito (1997), assim como as línguas orais, a Libras não é universal. Há muitos idiomas de sinais ao redor do planeta, como a língua de sinais americana, a japonesa, a argentina, dentre muitas outras. A Libras é a língua de sinais usada no Brasil e, apesar de ser uma língua de modalidade diferente do português, apresenta as características universais presentes em todas as línguas, sendo comparável com ela mesma e qualquer outra língua, pois permite que ideias simples ou complexas sejam expressadas por meio dela; possui os níveis linguísticos fonológico, morfológico, sintático, semântico e o pragmático. Além disso, a

Libras também possui marcas e variações regionais e culturais. Todos esses aspectos proporcionam à Libras o *status* de língua. Quanto à sua estrutura, o léxico da Libras é composto pelos sinais (palavras).

Esses sinais são, conforme Ferreira Brito (1997, p. 84), resultado da “combinação de movimentos das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo”. De acordo com a autora, essas articulações das mãos são chamadas de parâmetros e podemos relacioná-las aos fonemas e morfemas das línguas orais. Ao todo, há cinco parâmetros: *configuração de mãos; ponto de articulação; movimento; orientação/direcionalidade; expressão facial e corporal*, explicados e exemplificados por Brito (1997, p. 84, realce nosso):

1. **configuração das mãos:** são formas das mãos que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador. Os sinais APRENDER, LARANJA e ADORAR têm a mesma configuração de mão;
2. **ponto de articulação:** é o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até a cabeça) e horizontal (à frente do emissor). Os sinais TRABALHAR, BRINCAR, CONSERTAR são feitos no espaço neutro e os sinais ESQUECER, APRENDER e PENSAR são feitos na testa;
3. **movimento:** os sinais podem ter um movimento ou não. Os sinais citados acima têm movimento, com exceção de PENSAR, que, como os sinais AJOELHAR; EM PÉ, não têm movimento;
4. **orientação:** os sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar ideia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal, como os sinais QUERER E QUERER-NÃO; IR e VIR;
5. **expressão facial e/ou corporal:** muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, têm como traço diferenciado, também, a expressão facial e/ou corporal em sua configuração. É o caso dos sinais ALEGRE e TRISTE. Há sinais feitos somente com a bochecha, como LADRÃO, ATO-SEXUAL.

Neste trabalho, nosso interesse está no quinto parâmetro, Expressão Facial e Corporal, pois é por intermédio dele que as pessoas usuárias de língua de sinais conseguem ter a compreensão de textos em geral, podendo ser relacionado aos sinais de pontuação que há no português, uma vez que por meio da Expressão Facial e Corporal podemos extrair sentidos mais específicos em determinado contexto, como, por exemplo, a intensidade do que se fala. Os parâmetros das línguas de sinais, assim como nas línguas orais, permitem distinguir uma pergunta de uma afirmação, indicando se o que está sendo dito é expressado de maneira explicativa, animada e/ou exclamativa. No caso da expressão corporal, a posição do corpo pode indicar uma fala, um diálogo, e, neste, quem está falando em determinado momento.

Tudo isso é determinante para a compreensão de textos, visto que essas expressões, assim como alguns sinais de pontuação no português, podem mudar completamente o sentido da mensagem.

As Expressões Faciais e Corporais, também conhecidas por Expressões Não Manuais (ENMs), incluem alguns componentes não manuais que auxiliam a formação de tipos de frases, como as entonações na língua portuguesa, por exemplo (BRITO, 1997). São elementos que podem aparecer sozinhos ou combinados, completando o sentido dos sinais da Libras. Veja alguns desses itens listados no Quadro 2.

**Quadro 2:** Exemplos de componentes não manuais

<b>Rosto</b>	Parte superior: sobrancelhas franzidas; olhos arregalados; lance de olhos; sobrancelhas levantadas. Parte inferior: bochechas infladas; bochechas contraídas; lábios.
<b>Cabeça</b>	Movimento de assentimento (sim); movimento de negação; inclinação para frente; inclinação para o lado; inclinação para trás.
<b>Rosto e cabeça</b>	Cabeça projetada para frente; olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas; cabeça projetada para trás e olhos arregalados.
<b>Tronco</b>	Para frente; para trás; balanceamento alternado (ou simultâneo) dos ombros.

Fonte: Com base em Paiva *et al.* (2018)

As expressões faciais na Libras podem ser divididas em expressões afetivas e expressões gramaticais. A primeira está relacionada à manifestação de sentimentos, como alegria e tristeza; já a segunda faz parte das estruturas morfológicas e sintáticas dessa língua. As expressões faciais gramaticais morfológicas correspondem geralmente ao grau de intensidade e tamanho. No caso das expressões faciais de nível sintático, há relação com certos tipos de construção de sentenças, como as negativas, interrogativas e afirmativas (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2008). Observe alguns exemplos de expressões faciais de nível sintático no Quadro 3.

**Quadro 3:** Expressões faciais na Libras

<b>Tipos de sentenças</b>	
<b>Afirmção</b>	São realizados movimentos para cima e para baixo com a cabeça indicando afirmação. Geralmente, a marcação não-manual de afirmação está relacionada a construções com foco.

<b>Interrogativa QU</b>	Há uma pequena elevação da cabeça, acompanhada do franzir da testa.
<b>Interrogativa S/N</b>	Há um leve abaixamento da cabeça, acompanhado da elevação das sobrancelhas.
<b>Direção do olhar</b>	Direcionar a cabeça e os olhos para uma localização específica simultaneamente com um e/ou mais sinais, para estabelecer a concordância.

Fonte: Com base em QUADROS; PIZZIO; REZENDE (2008)

Segundo Figueiredo e Lourenço (2019, p. 81), “As expressões faciais podem ser classificadas a partir do nível de representação linguística a qual elas se aderem. De modo que é possível identificarmos expressões faciais lexicais, morfológicas e sintáticas”. Além disso:

A formulação de perguntas nas línguas de sinais também utiliza as sobrancelhas como marcadores sintáticos. Elas são usadas de formas distintas para marcar tipos diferentes de perguntas. [...] normalmente as sobrancelhas estão levantadas para perguntas do tipo Sim/Não (S/N), enquanto as perguntas do tipo QU- são acompanhadas de sobrancelhas abaixadas (testa franzida) (FIGUEIREDO; LOURENÇO 2019, p. 85).

As Expressões Faciais e Corporais devem ser bem observadas para que se consiga distinguir o sentido correto do enunciado. De acordo com Brito, é importante ficar atento às Expressões Faciais e Corporais “para perceber se uma frase em LIBRAS está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa”, e se elas podem ser realizadas “simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase” (BRITO, 1997, p. 106). A autora exemplifica o funcionamento desse parâmetro no caso de sentenças do tipo afirmativa, interrogativa exclamativa e negativa. Veja no Quadro 4:

**Quadro 4:** Expressões faciais e Corporais de tipos de sentenças na Libras

<b>Tipo de sentença</b>	<b>Expressão Facial e Corporal</b>
<b>Forma Afirmativa</b>	A expressão facial é neutra.
<b>Forma Interrogativa</b>	Sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima.
<b>Forma Exclamativa</b>	Sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo. Pode ainda vir também com um intensificador representado pela boca fechada com um movimento para baixo.
<b>Forma Negativa</b>	A negação pode ser feita por meio de três processos: <b>a)</b> com o acréscimo do sinal NÃO à frase afirmativa;

	<p><b>b)</b> com a incorporação de um movimento contrário ao do sinal negado;</p> <p><b>c)</b> com um aceno de cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada ou juntamente com os processos acima.</p>
--	---

Fonte: Com base em BRITO (1997)

Figura 1: Exemplo de expressão facial e corporal



Fonte: (FELIPE, 2013, p. 82)

Segundo Felipe (2013), na Figura 1 temos a frase em português *Casada, eu? Não*, em que, junto ao sinal *EU* há uma interrogação materializada pela expressão de franzimento das sobrancelhas e arqueamento dos lábios; também há um movimento de inclinar a cabeça para frente. Já no terceiro sinal, *NÃO*, além do sinal de negação, temos um movimento de virar a cabeça de um lado para o outro e a expressão com os lábios contraídos, reforçando e dando ênfase à resposta negativa, que poderia também ficar evidente apenas com o movimento da cabeça, sem necessariamente ser marcada pelo sinal de *NÃO*. Por outro lado, caso a resposta fosse afirmativa, poderia ser evidenciada pelo sinal para *SIM*, junto ao movimento de levantar e abaixar a cabeça repetidamente, assim como poderia ser evidenciada apenas tal movimento de cabeça.

Dessa maneira, conseguimos entender que o Parâmetro Expressão Facial e Corporal das línguas de sinais é muito importante para a compreensão do que está sendo dito, o que evidencia a mesma funcionalidade dos sinais de pontuação, que são no português. Portanto, quando se fala sobre o entendimento de um gênero textual, como a fábula, por pessoas com surdez, é indispensável saber identificar e relacionar as funcionalidades das expressões faciais e corporais aos sinais de pontuação. Na próxima seção, descreveremos os passos adotados para a realização desta pesquisa.

#### 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa qualitativa que considera que existe uma relação entre o mundo e o sujeito, além daquela traduzida em números. Nessa abordagem, o objetivo central da investigação é entender a explicação de algum fenômeno. Como procedimento, faremos uso da pesquisa bibliográfica, a qual é elaborada a partir de material já publicado, como livros, artigos, periódicos, internet etc. Neste estudo, utilizaremos uma obra em português escrito e uma tradução para a Libras, em vídeo. Segundo BOCCATO (2006, p. 266), nesse tipo de trabalho científico é necessário fazer um planejamento sistemático.

É de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (BOCCATO, 2006, p. 266).

A metodologia da pesquisa foi dividida em algumas etapas: no primeiro momento foram feitos o levantamento bibliográfico e a seleção das obras analisadas, a fim de verificar se o uso de traduções envolvendo gêneros textuais em Libras pode auxiliar no ensino e aprendizagem dos sinais de pontuação do português escrito para pessoas surdas. As seções deste estudo se dedicaram em buscar em diversos autores fundamentos para compreender os temas sobre: *Tradução interlingual do par Libras-português na Educação de surdas(os)*; *Bilinguismo: Libras e o português escrito para discentes surdas(os)*; *O gênero fábula para o ensino de português escrito para pessoas surdas*; e, *Os sinais de pontuação do português x o Parâmetro Expressão Facial e Corporal na Libras*, respectivamente.

No segundo momento será feita a apresentação da obra analisada *E quem disse... que não falo*, da autora Uendy Feitosa. Posteriormente, foram selecionados alguns trechos em que há o uso de diferentes tipos de sinais de pontuação no português escrito para comparar com os Parâmetros Expressões Faciais e Corporais presentes na tradução em língua de sinais. Este estudo tem base teórica em Bechara (2019) acerca dos significados dos sinais de pontuação em português e os Parâmetros Expressões Faciais e Corporais, de acordo com Britto (1997). Para registrar as expressões faciais presentes no vídeo, utilizaremos capturas de tela.

No terceiro momento será feita uma análise comparada entre as duas versões da fábula: uma que se apresenta em português escrito e a tradução interlingual para a Libras, cujo objetivo é verificar qual a relação existente entre os sinais de pontuação da versão escrita em

português com os Parâmetros Expressões Faciais e Corporais utilizados na tradução interlingual em Libras disponível em vídeo.

No quarto e último momento serão apresentadas as considerações finais e as referências.

## **5 ANÁLISES E RESULTADOS**

Nesta seção será feita uma breve apresentação do conteúdo do livro em estudo *E quem disse... que não falo?* E, em seguida, será apresentada a análise proposta. A história de um Papagaio surdo foi selecionada porque apresenta uma visão muito positiva acerca da surdez, uma ficção que se apresenta indispensável na educação, uma vez que incentiva a inclusão de pessoas. Outros dois aspectos que potencializam a escolha são as ilustrações presentes no livro impresso, como os personagens fazendo sinais em Libras; e o segundo, mais interessante ainda, é o fato de haver no final do livro impresso um código QR para ser capturado direcionando a leitora ou leitor para a versão traduzida em Libras registrada em vídeo, disponível *on-line* na plataforma de vídeos do *Google*, o *YouTube*.

### **5.1 Autora e obra**

Uendy Oliveira Feitosa (exibida na Foto 1), autora do livro *E quem disse... que não falo?*, nasceu em 10 de maio de 1993. É natural de Marabá, município localizado no Estado do Pará. Também é graduada em Pedagogia. É especialista em Educação Especial com ênfase na Inclusão e em Psicopedagogia Clínica. A autora escolheu esse caminho acadêmico porque gosta de investigar novas formas de ensinar pessoas com deficiência. Além disso, conta que seu interesse por escrever histórias foi influência desde a infância, pois seu pai era contador de histórias e ela, quando cresceu, passou a narrar histórias para sua sobrinha, criando, assim, o desejo de contar suas próprias narrativas. Para ela, o objetivo de contar histórias, como a deste livro, é ajudar crianças a refletir e tornar o mundo um lugar melhor, livre de preconceitos, individualismo e intolerância.

**Foto 1** – Uendy Feitosa

Fonte: *Facebook* da autora (2022)

O livro conta com a tradução de Márcia Monteiro Carvalho (visualizada na Foto 2) para a Língua Brasileira de Sinais/Libras. Ela é natural do município de Castanhal no Pará, professora na Universidade Federal do Pará/UFPA, Especialista em Docência de Libras e Doutora em Estudos da Tradução.

**Foto 2** – Tradutora do livro *E quem disse... que não falo?*

Fonte: perfil de WhatsApp (2022)

O livro, *E quem disse... que não falo?* (com a capa ilustrada na Foto 3), é uma fábula que narra a história de um papagaio surdo. Sua mãe, **Dona Papagaio** estava feliz pelo nascimento de seu filho, mas ficou angustiada ao perceber que ele não falava e não correspondia aos seus chamados ao crescer. Por isso, ela levou o filho até a Doutora Coruja, que, ao examiná-lo, logo constatou o diagnóstico, a surdez. A mãe ficou visivelmente triste e preocupada com o futuro de seu filho. Porém, esse pequeno Papagaio surdo aprendeu na escola, com a ajuda do Professor Sabiá, a falar com as mãos. Ele, empolgado e feliz, contou aos seus pais que aprendeu a língua de sinais na escola, mas infelizmente não recebeu o apoio de sua família. Entretanto, seus amigos o apoiaram e o Papagaio surdo cresceu e se

desenvolveu. Com o passar do tempo, o Papagaio surdo ganhou autonomia, aprendeu a voar, construiu família e adquiriu sua própria profissão. Depois disso, a Libras foi aceita e valorizada por todos da sua redondeza, principalmente pelos seus familiares.

Foto 3: Capa do Livro



Fonte: Autor (2022)

## 5.2 Análise comparativa de trechos da obra em português escrito com imagens da tradução em Libras

Dona Papagaio estava imensamente feliz com o fim da espera de ver seus filhotinhos nascerem. O sol, vaidoso, os presenteou com o dia mais iluminado do ano.

Imagem 1 - sinal Sol: levantamento de sobrancelhas, franzimento de testa, contração dos lábios



Fonte: Autor (2022)

Na tradução, a intérprete faz uso do Parâmetro Expressão Facial por meio do levantamento de sobrancelhas, franzimento de testa e contração dos lábios dando um ar de superioridade, como pode ser visto no sinal **Sol**, na **Imagem 1**. Observe que no texto em português há presença dos seguintes sinais de pontuação: **vírgula**, **ponto seguida** e **ponto final**. De acordo com Soares (2017), os sinais de pontuação são recursos da fala. O uso de exclamação ou interrogação na escrita, por exemplo, é uma forma de marcar a entonação da fala oral. Perceba que esses sinais de pontuação foram traduzidos para a Libras por meio do

Parâmetro Expressão Facial e Corporal, por meio do sutil deslocamento do tronco da intérprete virado para a frente, ao fazer o sinal de **Sol**, como visto na **Imagem 1**.

Já o sinal de **Vaidoso**, expresso na **Imagem 2**, evidencia um ar de satisfação, seguido do movimento do tronco e levantamento da cabeça como sinônimo de contentamento, oferecendo uma entonação de superioridade.

**Imagem 2 - sinal VAIDADE:** levantamento de sobrancelhas, franzimento de testa e levantamento da cabeça e olhar (sinalizando uma exclamação)



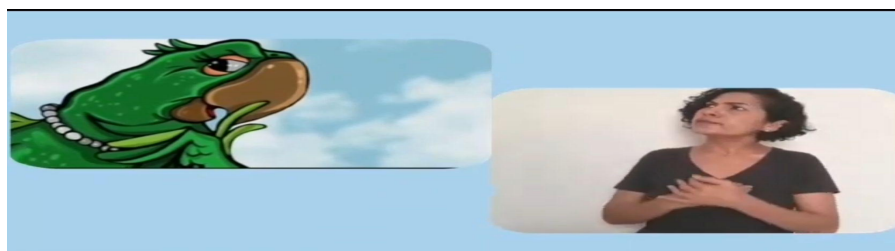
Fonte: Autor (2022)

Concordamos com Brito (1997), ao afirmar que esses componentes não manuais auxiliam a formação de tipos de frases, como as entonações na língua portuguesa, por exemplo. O uso do Parâmetro Expressão Facial e Corporal com o levantamento das sobrancelhas, franzimento da testa e arqueamento da cabeça nos aponta que para as crianças surdas que estão aprendendo o português escrito é possível identificar a funcionalidade dos sinais de pontuação do português, como a vírgula, por exemplo, quando faz uso da pausa na troca de projeção de cabeça e movimento do tronco utilizado na tradução para a Libras, por intermédio da intérprete. Harmonizamos com Segala (2010), ao corroborar que a tradução é indispensável na educação de pessoas surdas. O uso de literatura infantil traduzida para sua língua materna favorece seu conhecimento linguístico nas duas línguas.

A seguir, veja outro trecho em português no qual pode-se observar o uso dos sinais de pontuação: **travessão**, **interrogação** e **exclamação**, seguido das imagens 3, 4, 5, que contêm o Parâmetro Expressão Facial e Corporal: **olhar direcionado para cima**, **franzimento de sobrancelhas**, **movimento negativo com a cabeça**, **inclinação do tronco e cabeça**.

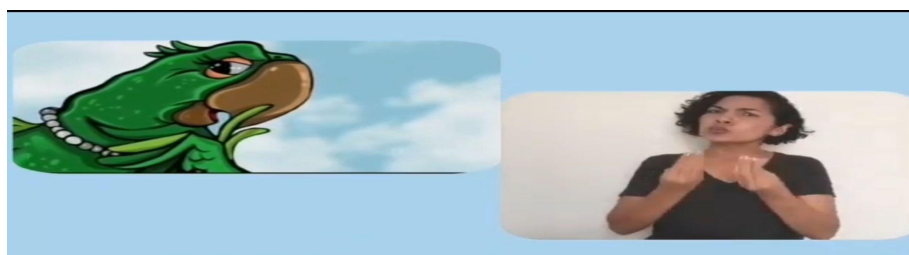
— Mas onde já se viu papagaio sem falar? Era só o que me faltava!

**Imagem 3** - franzimento de sobrancelha, olhar para cima e inclinação de cabeça para cima (questionamento reflexivo)



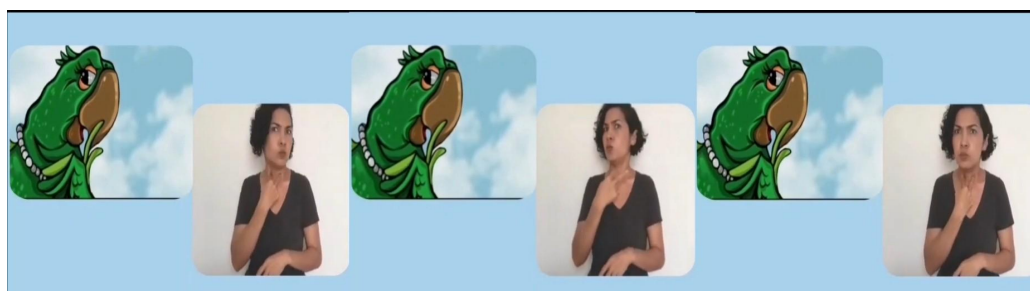
Fonte: Autor (2022)

**Imagem 4** - sinal COMO: franzimento de sobrancelha, olhar para frente, tronco para frente (uma pergunta)



Fonte: Autor (2022)

**Imagem 5** - sinal NÃO-PODER: franzimento de sobrancelha, olhar para frente, movimentação da cabeça para direita e esquerda, tronco virado para frente (exclamação na negativa)



Fonte: Autor (2022)

A intérprete, ao sinalizar, incorporou a fala da personagem **Dona Papagaio** utilizando o Parâmetro Expressão Corporal para demarcar que a fala é da personagem e não da narradora, como pode ser visto na **Imagem 3**, ao olhar e inclinar a cabeça para cima, assumindo a postura do personagem. Além disso, por meio da inclinação sutil do tronco para o lado esquerdo e as mãos em repouso frente ao corpo, expôs um momento de questionamento reflexivo. O Parâmetro Expressão Facial foi expresso quando a intérprete fez o levantamento de cabeça, franzimento de sobrancelhas, direcionamento do olhar para cima e a inclinação da cabeça configurando um questionamento. Na **Imagem 4**, o uso do Parâmetro Expressão Facial e Corporal evidenciou a utilização do sinal de interrogação na Libras, o qual foi indispensável para demonstrar a dúvida da personagem, o que pode ser visto na realização

de pergunta ao trazer as sobrancelhas franzidas e lábios cerrados, seguidos pelo sinal COMO. De acordo com Brito (1997), o Parâmetro Expressões Faciais e Corporais deve ser bem observado para que se consiga distinguir o sentido correto do que foi dito.

Na **Imagem 5**, há constatação de uma frase exclamativa, em que a marcação de intensidade é estabelecida na Libras por meio da expressão facial de indignação, expressa no olhar sério da intérprete, pois pela intensidade de negação, com o auxílio do movimento da cabeça de um lado para o outro e do sinal NÃO-PODER, ficou claro o uso do sinal de pontuação expresso no texto que estava em português “Era só o que me faltava!”.

Veja, na oração seguinte, o uso dos sinais de pontuação: **ponto de interrogação e travessão**, e seu correspondente na Libras por meio das **Imagens 6, 7 e 8**, capturadas do vídeo traduzido.

- Por que você está triste?
- Vocês sabem Libras?

**Imagem 6 - sinal VOCÊ:** franzimento de sobrancelhas, tronco virado para o lado e olhar na direção do sinal



Fonte: Autor (2022)

Observe que no diálogo em Português entre o **Papagaio surdo** e os **Amigos**, em que ele pergunta “— Vocês sabem Libras?”, a intérprete tem o posicionamento do tronco inclinado e o seu olhar direcionado para a esquerda, demonstrando a fala do personagem surdo para seus amigos. A posição do tronco muda de acordo com a vez de quem está falando, quando é o personagem surdo ou quando são seus interlocutores. Esse jogo de movimentação é conhecido como *Role-Play*, muito usado em narrativas na Libras, em que a (o) intérprete “assume a posição dos personagens referidos na narrativa, alternando com cada um deles em situações de diálogo ou ação”, facilitando a compreensão dos fatos (DIAS JÚNIOR; SOUSA, 2017, p. 19). No contexto desse trecho, isso é utilizado para mostrar quando é o **Papagaio Surdo** quem pergunta e quando seus **Amigos** respondem; aqui, o giro do tronco, cabeça e

olhar da direita para a esquerda mostram que o Parâmetro Expressão Corporal corresponde na Libras ao que seria o travessão no Português.

Ainda na **Imagem 6**, há a presença do Parâmetro Expressão Facial e Corporal por meio do franzimento de sobrancelhas, do direcionamento do tronco, que está virado para o lado, e por intermédio do olhar que está acompanhando o sinal VOCÊ, que indica o discurso direto ou enfatiza (destaca) o questionamento expresso em Libras.

Como apontava Brito (1997), na **Imagem 7** é possível observar tanto o uso do Parâmetro Expressão Facial para a interrogativa quanto o uso do próprio sinal POR QUE.

**Imagem 7 - sinal POR QUE:** franzimento de sobrancelha e direcionamento do olhar



Fonte: Autor (2022)

Na oração em Libras já mencionada, em que há interrogação por meio do sinal POR QUE, a intérprete expressou a dúvida por meio das sobrancelhas franzidas, lábios cerrados e contraídos. E na **Imagem 8**, quando a intérprete fez alternância de turnos de fala entre o **Papagaio surdo** e seus **Amigos**, supõe-se que o travessão na Libras está sendo demarcado pela pausa, posicionamento das mãos em frente ao corpo virado para frente e uso de expressão neutra, veja abaixo.

**Imagem 8:** expressão neutra, tronco para frente e mãos em repouso em frente ao corpo



Fonte: Autor (2022)

Na **Imagem 9**, a intérprete incorpora a posição de fala da personagem surda ao utilizar o parâmetro Expressão Facial e Corporal na frase “— Sim!”.

**Imagem 9 - sinal SIM!:** sobrancelha levantada, tronco virado para o lado esquerdo



Fonte: Autor (2022)

Na imagem, a resposta com o sinal **SIM**, feita pelo **Papagaio surdo**, é percebida pelo Parâmetro Expressão Corporal, manifestado por meio do posicionamento corporal da intérprete, que virou o corpo e o olhar para a esquerda, evidenciando a troca de personagem. Há também o tom exclamativo presente na Expressão Facial com olhos arregalados, mandíbula contraída, a boca levemente aberta e as sobrancelhas arqueadas, expondo o sim contundente da personagem surda, realizada pela intérprete. É interessante notar que na versão do conto em português há a presença do sinal de pontuação **reticências**, como pode ser visto no trecho “Ela se perguntava o que seria do futuro do filho, se casaria, se voaria, se aprenderia a se virar sozinho no mundo e se seria aceito naquela sociedade [...]”, mas não foi observado na tradução para a Libras; talvez precise de um estudo mais aprofundado acerca das reticências nas línguas de sinais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar se o uso do gênero textual fábula traduzido para a Libras pode contribuir para o ensino de sinais gráficos de pontuação do português na modalidade escrita de discentes surdas (os) do Ensino Fundamental Maior. Para isso, buscamos compreender o funcionamento dos sinais de pontuação em português escrito em Libras por meio do Parâmetro Expressão Facial e Corporal. Outrossim, verificar as possíveis similaridades e as diferenças de sinais de pontuação entre as línguas que são de modalidades diferentes. Analisamos comparativamente a fábula *E quem disse... que não falo?*, selecionando quais sinais de pontuação gráfica de português foram traduzidos para a fábula em Libras por intermédio do Parâmetro Expressão Facial e Corporal e identificamos as contribuições que o gênero fábula traz para o ensino de português escrito para pessoas surdas do Ensino Fundamental Maior.

Este estudo apontou que o trabalho com o gênero fábula pode ser um grande aliado docente para o ensino de crianças surdas que estão aprendendo o português na modalidade escrita, pois, de acordo com Bagno (2006), esse gênero textual deve ser utilizado como um recurso pedagógico indispensável para o ensino da língua oral para crianças ouvintes, bem como fomentar a leitura e a língua escrita para crianças surdas, haja vista que é um gênero lúdico que desperta a imaginação discente. Para o autor, a fábula é usada para transmitir, por meio de alegoria com animais, conhecimentos antropológicos a respeito dos seres humanos e da sociedade.

Nesta pesquisa, percebemos também que há uma conexão entre o gênero textual fábula, os sinais de pontuação do português escrito e o Parâmetro Expressão Facial e Corporal da Libras. Elencamos os sinais recorrentes do português que foram identificados e traduzidos para a Libras: vírgula, interrogação, exclamação, travessão, ponto seguida e ponto final, que foram traduzidos pelo Parâmetro Expressão Facial e Corporal, por intermédio de: franzimento de sobrancelhas, olhar para cima e inclinação de cabeça para cima, olhar para frente, movimentação da cabeça para direita e esquerda, tronco virado para frente, expressão neutra e mãos em repouso em frente ao corpo etc. Concluímos que a tradução de fábula para a língua materna de discentes surdas (os) pode facilitar a compreensão do funcionamento desses sinais gráficos do português como L2. Por outro lado, também pudemos notar que os sinais de reticências e dois pontos presentes no texto fonte não foram identificados na tradução para a Libras, texto alvo. Isso sugere, portanto, que há mais aspectos a respeito do funcionamento do Parâmetro Expressão Facial e Corporal na Libras que merecem ser investigados. Dessa maneira, esta pesquisa mostrou que é possível proporcionar uma aprendizagem melhor do português na modalidade escrita às (aos) discentes surdas (os) e apontar caminhos mais eficazes por meio do ensino Bilíngue para as pessoas surdas.

## REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres Santiago (org). **Libras em estudo**: tradução/interpretação. São Paulo: FENEIS, 2012.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAÚJO, Marília. do S. O.; CARVALHO, M. M. O desafio da tradução entre língua portuguesa e libras diante do fenômeno da sinonímia. **Cad. Trad.**, v. 37, p. 208-228, 2017.

BAGNO, Marcos. fábulas Fabulosas. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs.) **Práticas de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BECHARA, Evanildo. **Bechara para concursos: ENEM, vestibular e todo tipo de prova de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol.** Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRITO, Lucinda Ferreira (org.). BRASIL. **Educação Especial Deficiência Auditiva: Série Atualidades Pedagógicas**. Brasília: MEC/ SEESP, 1997.

CARVALHO, Márcia M. **Avaliação da compreensão escrita de alunos surdos do Ensino Fundamental Maior**. OmniScriptum GmbH & Co. KG. Novas Edições Acadêmicas- NEA, 2017.

CARVALHO, Márcia M. **Análise de traduções para o português escrito por pessoas surdas bilíngues e suas respectivas retextualizações por tradutores de Libras-Português com base na Linguística Sistêmico-Funcional e nas modalidades de tradução**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2020.

DIAS JÚNIOR, Jurandir F.; SOUSA, Wilma P. de A. **Libras III**. In: Letra Libras. Universidade Federal da Paraíba, 2017. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/libras/wp-content/uploads/2017/02/Libras-III.pdf> Acesso em: 24 fev. 2022

FEITOSA, Uendy. **E quem disse... que não falo?**. Ilustrações Maciste Costa, tradução Márcia Monteiro Carvalho. Belém, Folheando, 2020.

FELIPE, Tanya A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais - Libras. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**. 2013, v. 8, n. 2

FIGUEIREDO, Mariano Borges; LOURENÇO Guilherme. O movimento de sobranças como marcador de domínios sintáticos na Língua Brasileira de Sinais. **Revista da Anpoll**, v. 1, nº 48, p. 78-102, Florianópolis, Jan./Jun. 2019.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

JAKOBSON, Roman. **Aspectos linguísticos da tradução**. In: Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1969.

KUBASKI, Cristiane; MOARES, Violeta Porto. **O Bilinguismo como proposta educacional para crianças surdas**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009. Disponível em:

[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos\\_edespecial/biliguinguismo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos_edespecial/biliguinguismo.pdf)  
Acesso em: 25 jan. 2021.

KUNTZE, Vívian Leichsenring. **A relação do surdo com a música**: representações sociais. Florianópolis, SC, 2014.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; ALBRES, Neiva de Aquino; DRAGO, Silvana Lucena dos Santos. Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo. **Educação e Pesquisa**, v. 39, p. 65-80, 2013.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola**: o rela, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. **Interpretação e tradução de Libras/português dos conceitos abstratos críticos e autonomia**. 2014. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras, cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENEZES, Denise Costa. **Letramento em comunidade de surdos**. 2007. 159 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** [online]. 2003, v. 19, n. spe

PAIVA, Francisco Aulísio dos Santos *et al.* Análise do papel das expressões não manuais na intensificação em Libras. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** [online]. 2018, v. 34, n. 4. p.1135-1158

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. **Leitura, escrita e surdez**. 2. ed. São Paulo: FDE, 2009.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI A. C. B; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. de; TESKE, O. (org.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

PIMENTA, Josefa Maria Argôlo. A fábula em Libras para a aprendizagem da Língua Portuguesa por alunos surdos. In: ALMEIDA, WG., org. **Educação de surdos**: formação, estratégias e prática docente [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 93-111.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos**: aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais II**. Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade a Distância. Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

QUADROS, Ronice Müller de; SEGALA, Rimar Romano. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para a Libras oral. **Cad. Trad.**, v. 35, p. 354, 2015.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cad. Trad.**, v. 35, n. 2, p. 17-45, 2015.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O intérprete de Libras educacional: o processo dialógico e as estratégias de mediação no contexto da pós-graduação. **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 5, n. 1, p. 165–182, 2016.

SANTOS, Gilianne Vicente dos. **O uso do gênero fábula para o aprimoramento da produção escrita no sexto ano do Ensino Fundamental**. Mamanguape: UFPB, 2016

SILVA, Alexsandro; MORAIS, Artur G. Pontuação e gêneros textuais: uma análise das produções escritas de alunos da escola pública. **Língua Escrita**, v.1, p. 61-76, 2007.

SILVA, Cleuzilaine Vieira da. Ensino de língua portuguesa para surdos por meio de Gêneros Textuais: uma abordagem sobre gêneros em Libras. **Anais do SIELP**. Uberlândia: EDUFU, 2012. v. 2.

SILVA, Hanna Russo Chacon Rodrigues. **O gênero discursivo fábula em Libras: uma análise enunciativa de textos na esfera virtual**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

SEGALA, Rimar. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: português escrito para a língua de sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina. 2010

SOARES, Francielly Rodrigues. **Uso da pontuação em textos narrativos de alunos do sétimo ano do ensino fundamental**. 2017. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SOARES, Magda B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TUSSI, Matheus Gazzola; XIMENEZ, Andrey. Bilinguismo: características e relação com aspectos Cognitivos. **Anais da X Semana de Letras**. Porto Alegre: EdiPUC RS, 2010.